

## Nota Editorial

Um sonho chamado AGB, ou o encontro com o Mundo:

À memória e ao legado de Claudinei Lourenço

Por AGB Seção Local Belo Horizonte

*“Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa ideia por fundo de todos os matos, amém!”.*

*(João Guimarães Rosa)*

*“Entre as inúmeras experiências do movimento pelo mundo, desde o flâneur até o derivante, passando pelo caminhante solitário em devaneio, o migrante em desespero e o turista em comoção monetarizada, há aquelas em que o objetivo do andar encontra-se nesse próprio fundamento. Trata-se, portanto, da produção de ritmos. Ritmo que se relaciona, essencialmente, ao movimento de abstração. Não se trata de propor uma prática estilista, [...], mas de dar voz aos fatos da história”.*

*(Claudinei Lourenço)*

Não é sem dificuldades que sentamos para escrever sobre o professor, amigo e companheiro agebeano Claudinei Lourenço. De um lado, porque sua partida precoce no último dia 21 de maio ainda é ferida aberta, difícil de ser tocada. De outro, porque sistematizar em palavras – ainda que assumindo a inescapável parcialidade destas – o legado deixado por Claudinei é tarefa complexa. Não apenas porque as palavras correm o risco de matar aquilo que deveriam expressar, mas porque elas correm o risco, dado o contexto, de serem confundidas com uma homenagem. Certa feita, o filósofo alemão Theodor Adorno, autor fundamental na trajetória intelectual de Claudinei, já se levantara contra aquilo que se costuma chamar de homenagem; pois esta “anuncia a pretensão insolente de quem detém a questionável sorte de viver mais tarde, obrigado [...] a ocupar-se daquele sobre quem tem de falar, de destinar soberanamente ao morto seu lugar, colocando-se de algum modo acima dele” (ADORNO, 2013, p.71).

Esse pequeno texto não tem, portanto, qualquer pretensão de se constituir como uma homenagem; mesmo porque, caso aqui estivesse, Claudinei certamente não ficaria confortável com tal forma. É antes – dialogando com os termos com os quais ele mobilizou na apresentação de sua tese de doutorado – um fato de lembrança que possibilita de algum modo dar voz aos fatos da história. O trecho de Walter Benjamin em *Sobre o conceito da História* utilizado como epígrafe dessa mesma tese indica o movimento:

Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos (BENJAMIN, 1985, p.231).

Nesta medida, falar de Claudinei é incontornavelmente falar daquilo que o constituiu e simultaneamente daquilo que ele próprio contribuiu para constituir, em especial a AGB e algumas gerações de agebeanos. É o próprio Claudinei que nos apresenta o princípio dessa história. Na já mencionada apresentação de sua tese sobre a Paisagem no *Kosmos* de Humboldt, ele retrata uma cena de 1985, mais especificamente a sua primeira semana no curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Era mais um verão de forte calor em Presidente Prudente e o departamento havia proposto um "banquete geográfico" com "o professor Milton Santos com sua bela camisa verde, o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro com sua camisa branca de flores amarelas e vermelhas, o professor Armando Corrêa da Silva sem o seu incorróivel paletó azul, o professor Antônio Carlos Robert de Moraes com seu 'Tônico' à frente" (LOURENÇO, 2002, p.1).

Em suas palavras, "o princípio era a festa" (ibidem, p. 2). E a festa havia sido anunciada pelo professor Carlos Augusto com o seguinte alerta aos recém-ingressos no curso de Geografia: "se eu fosse vocês, estudaria menos e aproveitaria mais a vida". "Para quem começava um curso universitário era um conselho estranho. Só pude imaginar que a Geografia era a madrasta e nós as cinderelas interdidas" (ibid.). A questão estava colocada, e se parecia haver, "como se podia suspeitar naquelas palavras, uma oposição entre viver e estudar

geografia", tornava-se necessário refletir se o mais adequado seria sair “correndo para o parque do povo, como um boi em legítimo estouro” ou resignar “tal e qual o novilho na rampa do altar”. A resposta foi dada: “das duas, três”. Era preciso encontrar "a possibilidade do terceiro termo da metáfora", que Claudinei encontrou no *fazer geográfico*.

O *fazer geográfico* lhe foi o interstício encontrado entre “viver” e “estudar geografia”. Por isso, defendia ele, “a Geografia é um convite para a festa”. É uma oportunidade de viajar e aprender, de andar e olhar, de observar e refletir. O *fazer geográfico* está tanto na leitura de uma obra clássica quanto na janela de um ônibus enquanto se viaja, é a brecha deixada para articular aquilo que se vê com aquilo que se pensa, amparando-se no amplo repertório conceitual herdado pela tradição do pensamento geográfico.

Para a possibilidade desse terceiro termo, formula Claudinei, “muito contribuiu o sonho chamado AGB” (ibid). A Associação dos Geógrafos Brasileiros foi para ele o lugar que lhe permitiu solucionar o dilema entre estudar e viver. Logo, contudo, Claudinei perceberia que esse terceiro termo não poderia apenas e tão somente ser encontrado como algo dado, pronto e acabado; tinha de ser, antes de mais nada, produzido, construído coletivamente.

A trajetória de Claudinei Lourenço como geógrafo é indissociável de sua carreira como educador e como agebeano. Foram aproximadamente trinta e cinco anos de atuação na AGB, concomitantes às quase quatro décadas de dedicação ao ensino e à educação, atuando como professor nos níveis fundamental, médio e superior. Sua jornada teve início ainda durante o segundo período da graduação, quando assumiu o cargo de inspetor de alunos na EEPG Dr. João Franco de Godoy, em Presidente Prudente, posição que exerceu desde 1985 até o início de 1990. Nesse período, paralelamente aos estudos, foi membro da Seção Local Presidente Prudente e participou em Maceió/AL do VII Encontro Nacional de Geógrafos, o seu primeiro de oito. Ainda em sua cidade natal, em 1990, participou da elaboração e implementação do projeto "Bibliotecas em Sala de Aula" na Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso (FUNAP) e se tornou

professor de Geografia na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Em 1991 participaria pela primeira vez do Fala Professor(a)!, em evento realizado em São Paulo – desde então, Claudinei esteve presente em todas as edições deste Encontro até 2019.

Em 1992 Claudinei se mudou para a capital do estado em razão de seu ingresso na pós-graduação em Geografia Física pela Universidade de São Paulo. A partir de então até 1997, tornou-se membro da AGB Seção Local São Paulo. Entre 1992 e 1993, lecionou como Professor de Geografia na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Ainda durante seus estudos de mestrado, começou a lecionar em instituições de ensino superior, ocupando o cargo de Professor Adjunto no Departamento de Geografia da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) e, simultaneamente, assumindo a função de Professor Assistente no Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Santo Amaro (UNISA) entre 1995 e 1997. Neste período, a dedicação de Claudinei não se restringiu apenas à sala de aula; ele também se engajou ativamente no Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, assumindo o papel de Tesoureiro da Regional de São Paulo na Gestão 1996-1998. Vale ainda notar e anotar que ele foi um dos responsáveis editoriais pelo volume 13 (1997) do periódico *Universidade e Sociedade*, publicado por este sindicato, tarefa que anos mais tarde voltaria a assumir na AGB, como membro do Coletivo de Publicações da entidade.

Concluiu sua dissertação de mestrado em 1996 e logo em seguida iniciou o Doutorado em Geografia Humana, também na USP. Ao final de 1997, foi aprovado como Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Durante os 25 anos que permaneceu em Belo Horizonte, a AGB foi indissociável de seu cotidiano e suas práticas. Claudinei sempre foi figura presente na Seção Local Belo Horizonte, onde quase todos os associados foram seus estudantes e quase invariavelmente chegaram à entidade graças a ele. Em suas aulas, estimulava e cobrava a participação dos estudantes como agentes importantes para a construção de conhecimentos. Era um grande entusiasta das atividades de campo como ferramenta intervenção na

realidade, tendo conduzido diversas turmas de alunos pelos caminhos do sertão, no Morro da Garça, pelas ladeiras de Diamantina, pelos meandros da metrópole de Belo Horizonte e tantos outros lugares. Claudinei, que durante dezoito anos (2005-2023) ministrou a disciplina de *Introdução à Geografia*, sempre reservava uma de suas aulas para apresentar a história da AGB; mais que uma apresentação era um convite – um convite para a festa, para o “terceiro termo”. Convite esse que muitos de nós, em algum momento, decidiu aceitar.

Para além da atuação que não cabe em nominatas, Claudinei foi diretor da Seção Local Belo Horizonte (2016-2018) e membro da Diretoria Executiva Local em outras tantas gestões. A nível nacional foi Coordenador de Publicações da Diretoria Executiva Nacional (2010-2012), oportunidade na qual atuou para aprofundar o compromisso da entidade com as mais diversas lutas sociais. Logo ao se tornar responsável pela Revista *Terra Livre*, fez questão de revisitar a primeira edição de 1986 em que foram anunciados os princípios da entidade com relação às publicações, isto é, de “veicular artigos que manifestem compromissos com as lutas da sociedade”, e centrados em “questões mais gerais e diretamente relacionadas com os principais problemas enfrentados pela sociedade brasileira”. Claudinei fez deste compromisso o norteador de sua atuação. Claudinei foi ainda presidente da Comissão Organizadora do XVII ENG (2012) e membro da Comissão Organizadora local do IX Fala Professor(a)! (2019), ambos realizados em Belo Horizonte.

Se a atuação comprometida e não raro irreverente de Claudinei na AGB certamente não é desconhecida aos agebeanos de longa data, sua trajetória de estudos e pesquisas talvez seja um pouco menos conhecida. Pensamos então que revisité-la talvez contribua para adentrar outros movimentos de seu pensamento, ao mesmo tempo em que talvez permita compreender um pouco melhor sua prática docente, bem como sua prática na própria entidade.

Em sua trajetória intelectual, Claudinei se ocupou de temas diversos: a questão agrária em livros didáticos de Geografia, o conceito de natureza no ensino de Geografia, o conceito de paisagem no *Kosmos* de Humboldt, a

mobilidade do trabalho, a crítica do valor e a importância da atividade de campo em Geografia, apenas para citar alguns. Temas que a um primeiro *olhar* parecem distantes entre si. Talvez também por isso, o *olhar* fosse tão importante para Claudinei. Sua tese sobre paisagem evidencia essa preocupação com o olhar que, ao não se restringir ao campo teórico, transborda para a prática desafiando o leitor – como lhe era costumeiro – antes mesmo deste adentrar ao texto propriamente dito. Na versão impressa de sua tese, os agradecimentos, que tradicionalmente compõem todos os textos deste tipo, parecem ausentes. Só podem ser notados caso se observe atentamente uma página que parece ser dedicada apenas à epígrafe e à dedicatória. Só nela notar-se-á, em segundo plano, digitado em máquina de escrever, quase imperceptível, os nomes de “todos que fizeram a história desta Tese”. Ali, de certo modo, já está contida a tese: a paisagem não é um fato ontológico do mundo, não é um objeto externo ao sujeito. Existe apenas e tão somente na relação estabelecida entre a objetividade do Mundo e a capacidade de observação daquele vê. E nessa relação, o que é menos visível, o que mais facilmente pode passar despercebido, talvez seja o mais decisivo. Mas isso é algo que, trazendo ao baile outro autor caro a Claudinei, “não está na saída nem na chegada”, já que o real “se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p.85). Ambulemos então, ainda que de forma obviamente parcial, pela travessia feita pelo caminhante convicto e observador atento, Claudinei.

Claudinei concluiu o curso de graduação em 1990 com uma monografia sobre a questão agrária em livros didáticos de Geografia, inicialmente orientada por Cláudio Benito Ferraz e, posteriormente, por Antonio Thomaz Júnior. Valendo-se, naquele momento de elementos da análise do discurso, começam a ganhar forma elementos que mais tarde reapareceriam como decisivos na sua trajetória: o debate sobre linguagem, o ensino de Geografia, os livros didáticos. Dois anos mais tarde, foi aprovado no mestrado em Geografia Física na USP, sob orientação de Gil Sodero de Toledo. O temário da pesquisa agora era o conceito de natureza em livros didáticos de Geografia. A motivação para a temática é explicitada pelo próprio autor:

Vivemos, segundo alguns, um período marcado pela emergência da preocupação com a natureza, com desdobramentos em diversos setores da sociedade. Seja como uma preocupação sediada na produção científica, seja como movimento político governamental ou não-governamental, ou ainda, como movimento de apropriação publicitária, a natureza e os temas e problemas que a caracterizam colocam-se hoje no centro de variadas discussões. Surge então um questionamento que, na sua forma mais ampla, quer saber o porquê de tal fenômeno (LOURENÇO, 1996b, p.27-8).

Por um lado, delinea-se aí uma preocupação até certo ponto epistemológica com a ciência parcelar da Geografia, sua história e a história dos conceitos por ela mobilizados. Em seus termos:

Como, quando, onde e por que a Geografia torna-se um conhecimento destinado ao público? Quais as possíveis respostas para o fato de uma forma específica de conhecimento de determinado aspecto da realidade constituir-se, não apenas em uma ciência, mas em uma modalidade de conhecimento que vai adquirir trânsito e chegar ao público de uma forma mais ampla através de uma instituição como a escola? (ibidem, p.11).

Por outro lado, é anunciada outra problemática que, tal como a primeira, não sairia mais do horizonte de questões mobilizadas em sua prática. Trata-se da dimensão da crise do capital, que de modo algum é crise apenas econômica. É também crise social, humanitária, política, energética, cultural, sanitária etc. Claudinei se aproximava do caráter incontornável dessa crise fundamental a partir de sua dimensão ambiental; e já ali anunciava preliminarmente a amplitude e escala da questão.

Aquilo que está colocado para nós como crise ecológica, crise ambiental, ou ainda questão ambiental, leva, de início ao que faz com que fenômenos tão díspares como o do destino do lixo urbano e o da suposta diminuição da camada de ozônio sejam englobados nessa genérica denominação e também o porquê da evidência atual tão enfática (ibidem, p.28).

Se os resultados mais imediatos obtidos, calcados em uma vasta pesquisa documental e bibliográfica – que abarcava livros didáticos e paradidáticos publicados no país desde 1817 até 1995 –, sinalizavam para um rico panorama sobre como a natureza era abordada nos livros de Geografia, desdobramentos de ainda maior fôlego já apareciam como apontamentos. A travessia de pesquisa permite a ele notar que “a discussão sobre o que será considerado como natureza pela Geografia passa necessariamente por esse corte epistemológico, que, diga-se,

transcende em muito um campo particular do conhecimento, e também pelo corte do desenvolvimento interno da Geografia em sua história” (ibidem, p.32) E, como formularia mais tarde em sua tese, “não sendo o mundo monopólio da Geografia” (LOURENÇO, 2002, p.131), fazia-se necessário extrapolar os limites epistemológicos mais imediatos dessa ciência parcelar caso se quisesse avançar em direção ao “encontro do Mundo”. Seria necessário ir além da Geografia, mas a partir dela. E não é sem importância que tenha sido um geógrafo como Jean Tricard a ressoar para Claudinei o que mais tarde ele chamaria de “necessidade da paisagem”: “a paisagem, como já disse Tricart, [...], aponta para a visão sintética da realidade, ou seja, como um conjunto das manifestações visuais dos fenômenos, a paisagem serve-nos, assim, como porta de entrada nos questionamentos dessa realidade” (LOURENÇO, 1996b, p.168).

Concomitantemente, o estudo da *Dialética, Ciência e Natureza* do filósofo José Maria de Freitas Branco e da *A história da ideia de natureza* do historiador Robert Lenoble reforçava a necessidade de compreensão das mediações entre sociedade e natureza que produziam a natureza mesma como *momento* da produção do real. Nos termos de Lenoble, citados na Dissertação:

Campo cerrado dos deuses indulgentes ou maliciosos, domínio esplêndido e harmonioso dos deuses-astros, escala graduada de perfeições que, da mais humilde, remontam ao Primeiro Móbil e ao Primeiro Motor, Deusa inconsciente dos estoicos, criação, para o Hebreu da Bíblia, de um Deus que prepara a morada do homem, regresso do grande Pan com os filósofos do Renascimento, e, alguns anos mais tarde, mecânica, dada pelo Criador ao homem que aprende a manejá-la como um brinquedo, novo ídolo do naturalismo do século XVIII, espécie de deus esvaziado pela física mecanicista dos traços que, nos Antigos, atraíam as orações e a humilde submissão, mecânica louca posta em movimento por um aprendiz de feiticeiro, que teme perecer na aventura. Mãe Natureza de Lucrécio e de Diderot, silêncio que assusta Pascal, madrasta que vota seus filhos à luta pela vida segundo Darwin e Karl Marx; quando é que a Natureza foi alguma vez um ‘facto’ para o sábio, quando é que foi ela própria? (LENOBLE, 1990, p.317).

Se a natureza, como demonstrou Lenoble, não se constituiu em nenhum momento histórico como um fato, se nunca pôde ser um *em si*, é porque necessariamente se produziu na relação dialética entre cultura e natura. Aí se formula algo que seria decisivo nas elaborações posteriores de Claudinei: a compreensão de que “o estatuto ontológico empírico da paisagem, como já



demonstrado, não está no mundo pressuposto como real nem no homem pressuposto como sujeito, mas na conexão (*Zusammenhang*) ou síntese (*Zusammenschau*) entre as possibilidades de ambos na forma de uma sociedade específica” (LOURENÇO, 2002, p.131).<sup>1</sup>

A escolha pelo estudo da paisagem no *Kosmos* de Humboldt na tese de doutorado não era contingente, portanto. Em um de seus aspectos, essa escolha dialogou com a compreensão de que o mundo, não monopolizado pela episteme geográfica, precisava ser escrutinado a partir de outras aproximações, sem que estas escamoteassem a Geografia. Humboldt, por seu tempo histórico, fornecia exatamente essa possibilidade. Sua obra está situada em um período cuja sistematização disciplinar moderna ainda não se realizara, ao mesmo passo em que sua obra mesma já anunciava essa sistematização. Se Humboldt era de certo modo o último dos clássicos e o primeiro dos modernos, “em sua longa vida de intensas atividades científicas” ele “estudou, produziu, coligiu, sistematizou e aplicou um conjunto importante de teorias, leis, princípios, métodos, técnicas e resultados de várias ‘áreas’ do conhecimento” (ibidem, p.11), de modo que “tomar contato com a obra de Humboldt é tomar contato com a quase totalidade da produção científica de seu tempo em diversos graus de qualidade e gênero” (ibidem, p.12).

A obra de Humboldt também forneceria – não apenas no *Kosmos*, mas também nos *Quadros da Natureza* – os elementos para levar a termo aquela “necessidade da paisagem” anunciada a Claudinei por Jean Tricard. Por fim, a centralidade das expedições de campo em Humboldt, uma espécie de encontro com o Mundo, não apenas com o mundo natural, mas também como o Outro cultural, fazia com que a obra humboldtiana cumprisse um terceiro movimento – aquele no qual o Mundo, tornado paisagem, tornado *quadro da natureza*, aos

---

<sup>1</sup> Na entrevista que realizou com Douglas Santos (publicada na Terra Livre n.38), o fundamento de tal mediação aparece. Quando Santos formula que uma limitação radical da tradição positivista de apreensão do real estaria no fato de esta reconhecer o objeto prescindindo do conhecimento do sujeito, por isso sendo capaz “de afirmar que o objeto da Geografia é o espaço”, mas sendo incapaz “de dizer o que é espaço” (SANTOS, 2012, p.186-7); Claudinei completa que o inverso – “falar dos sujeitos” – tão pouco é capaz de dissolver o enredamento colocado. Apenas no encontro na relação entre sujeito e objeto e, portanto, no encontro do homem com o Mundo, no movimento, na travessia, o conhecimento pode proceder.

olhos do observador moderno se produzia necessariamente na relação entre sujeito e objeto, entre cultura e natura e não como um simples pressuposto.

No doutorado, Claudinei saía do Programa de Geografia Física para o de Geografia Humana da USP. Sob orientação do professor Heinz Dieter Heidemann, ele estreita sua aproximação com as formulações do pensador alemão Robert Kurz. Se, desde a graduação, autores clássicos do marxismo não lhe eram estranhos e, ainda durante o mestrado, chegara a traduzir um dos primeiros ensaios de Kurz publicados em português<sup>2</sup>, no doutorado as formulações da chamada crítica do valor, em especial as de Kurz, assim como a teoria crítica de Adorno se tornam centrais.<sup>3</sup> Diálogo teórico que o possibilita a apreensão de que “a paisagem que surge para nós, homens modernos, equivale também à separação entre contemplação e teoria. Quando a paisagem torna-se um objeto a ser contemplado, sua relação com o pensamento já está cindida e deve ser apreendida apenas por uma parcialidade” (ibidem, p.17-8). E nessa medida, uma tese que parece se anunciar concernente ao pensamento geográfico, se revela com uma tese de Teoria Crítica, no diálogo desta com a crítica do valor. Essa aproximação é apresentada ao leitor logo na Introdução:

Trata-se, aqui, do que, em termos gerais, se convencionou chamar de materialismo histórico e que responde pelo método de interpretação da realidade, remetendo-nos ao posicionamento crítico frente ao processo de modernização. Trata-se, não de um julgamento da história, mas do movimento entre análise e síntese ou do movimento entre entendimento e compreensão dos momentos singulares desse particular erigido como totalidade que consideramos o objeto sensível e lógico da pesquisa: o surgimento e desenvolvimento da moderna sociedade produtora de mercadorias (ibidem, p.10).

Apenas tal sociedade produziria as condições nas quais “a paisagem torna-se possível” na e pela “confluência do mundo destacado esteticamente com o homem destacado teoricamente, portanto, um encontro do duplo destacado na forma da paisagem” (ibidem, p.18). Em termos mais contundentes:

Se considerarmos a posição do conceito pelo estatuto da presença da dominação do senhor, tal e qual considera a “dialética do esclarecimento”, devemos poder,

---

<sup>2</sup> Cf. Kurz (1996).

<sup>3</sup> Dessa aproximação viria a emergir a temática central de sua atuação nos últimos dez anos, com a criação da disciplina *Geografia e Trabalho* como optativa do curso de Geografia da UFMG.

também, considerar o observador na forma visual do dominador. Se a forma do conceito pressupõe o destacamento do poder, a forma do observador pressupõe a elevação “topográfica” do indivíduo. Em termos modernos, tal elevação torna-se abstração, isto é, reúnem-se conceito e realidade na figura do observador. A hegemonia do olhar aponta para isso (ibidem, p.129).

De modo que o movimento ali apreendido não era *per se* a categoria paisagem, uma obra de Humboldt, ou mesmo a obra completa do pensador alemão; era, sobretudo, o Mundo que os demandou. Noutros termos, a abstração real como forma de ser da sociabilidade moderna era o fio condutor de suas reflexões: “um diálogo entre a abstração e a sensibilidade”, como sintetiza o subtítulo de sua tese. A compreensão da forma de ser mundo e de estar no mundo no decurso da modernização capitalista revela-se como uma espécie de arqueologia para quem se apropriara da tese kurziana do “colapso da modernização”. Em suas palavras: “palmilhamos nas trilhas de Humboldt até onde nos foi possível acompanhá-lo e, desse percurso, esperamos trazer elementos para uma melhor compreensão da relação homem-e-mundo na aurora de um novo milênio e, também, como momento crítico e limite do processo de modernização” (ibidem, p.9). À maneira benjaminiana, contudo, essa arqueologia não se prestava a um inventário, mas à compreensão de que

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens, que desprendidas de todas as conexões mais primitivas ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo fornecer uma imagem daquele que lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (BENJAMIN, 1987, p.239-40).

De certo modo, alguns dos elementos mais marcantes de sua atuação estão já aí colocados. Com Walter Benjamin, Claudinei compreendia bem a relevância

da lembrança como momento decisivo da pesquisa. Ele próprio apresentou sua tese a partir das lembranças – do ingresso na universidade, da casa onde vivera na infância... – e certamente não houve um só orientando de Claudinei que não tenha ouvido dele a importância de uma apresentação em primeira pessoa que indicasse ao leitor quem é o sujeito que escreve, pois sem a construção desse sujeito não poderia haver construção do objeto. Com Humboldt lhe fora possível reafirmar a compreensão de que o campo, enquanto um encontro com o Mundo, era forma de torna-se Mundo e almejar mundar mundos. Dos estudos da nova crítica valor, veio a compreensão de que as múltiplas crises, que já lhe ensejavam questões no mestrado, não poderiam ser deslindadas a despeito da crise fundamental do capital e mais radicalmente de uma crise do trabalho. Sua potência crítica, por vezes exercida com a contundência de um martelo demolidor, seria ainda mais refinada e desatada de amarras com a concepção de que “a crítica não é injusta quando destrói – esta ainda seria sua melhor qualidade – mas quando ao desobedecer, obedece” (ADORNO, 1998, p.11).

Aqueles que tiveram a oportunidade do diálogo, da convivência e da construção política com Claudinei certamente terão percebido que tal desobediência crítica lhe era marca registrada. Precisamente por isso, esse retorno em sobrevoo pela produção acadêmica e pela trajetória intelectual de Claudinei não se prestou a um esforço de exegese, mas de compreensão dos fundamentos dessa desobediência como prática política e prática docente. Aquela desobediência epistemológica em manter-se preso à tautologia imposta pelos limites de uma ciência não ficou restrita, evidentemente, ao percurso de sua tese. Reapareceria, por exemplo, no primeiro projeto de pesquisa que desenvolve como docente na UFMG, meses após seu ingresso na instituição. O relatório, redigido por um colega de Departamento em resposta à submissão de tal projeto, indica para esse movimento:

Com o projeto de pesquisa "Geografia e Natureza no 'Kosmos de Alexander von Humboldt", o professor Claudinei Lourenço aponta como fulcro de seus estudos o que chamarei aqui de desencontros entre a Geografia e o mundo moderno. Isso porque a questão que coloca não aponta para uma história do pensamento geográfico *tout court*. A meu ver, não é no terreno dos que se limitam e contentam em buscar informações biográficas enaltecidas e laudatórias para ornar o museu dos grandes expoentes da Geografia que Claudinei Lourenço procura se

localizar. O que o faz escapar dessa prática tão redutora quanto perniciosa é o fato de partir da realidade atual, onde tomou-se flagrante a necessidade de desvendar os conteúdos do que comumente tem sido denominado de questão ambiental, para procurar situar o alcance e as limitações do conhecimento geográfico configurado enquanto ciência. Por conta disso, torna-se necessário revisité-lo no alvorecer de sua institucionalização, que se anuncia com Humboldt. Evidentemente, as contradições aninhadas na questão ambiental concernem ao desenvolvimento da formação econômico-social capitalista. [...] É nesse sentido que as tarefas do conhecimento científico, e da Geografia em particular, não são amenas, posto que se torna impossível compreender a realidade sem considerar a totalidade (como reiteradamente enfatiza o professor Claudinei) com que se manifesta. Mas como empreendê-las com as amarras que a fragmentação da divisão do trabalho intelectual representa para a ciência? A Geografia tem algo a dizer sobre a realidade permanecendo nos territórios demarcados e compartimentados em que se insularizou, ou se acomodou? Parece-me ser esta uma das questões centrais (senão a principal) que o projeto de pesquisa do professor Claudinei Lourenço coloca. Tendo em conta que a história do pensamento geográfico é também a história de um conhecimento que se degradou, sobretudo neste século, quer na mera descrição do imediato, quer nas infundáveis e enfadonhas elaborações de modelos de representação da realidade por uma ciência tomada insípida, que se jactava do seu distanciamento dessa mesma realidade imediata em nome de uma suposta neutralidade científica, o professor Claudinei destaca a necessidade da Geografia superar não só a indigência intelectual de sua fase vulgar (hoje sobejamente conhecida), como também ir além de uma ciência meramente essencialista, atada aos limites da lógica formal.

A desobediência também esteve sempre presente em sua prática em sala de aula, por vezes desconcertante. Claudinei não operava com afirmações, apenas com indagações. As respostas deveriam ser formuladas por cada sujeito. Impossível não recordar da ocasião na qual centrou sua aula em uma discussão sobre o que tornava sua cadeira uma cadeira. Se poderia ter formatos diversos, ser feita de materiais diversos, ter tamanhos diversos etc. o que permitia que ainda assim todas as cadeiras pudessem ser identificadas enquanto tais? Quando após longa discussão, a turma de *Introdução à Geografia* parecia caminhar para a conclusão de que o que conferia o caráter de cadeira a todas as cadeiras era sua utilidade, Claudinei interrompe: “Ok. E se eu pendurar pelos pés essa cadeira no teto? Aí ninguém mais poderá se sentar nela, a utilidade terá se perdido. Com isso ela deixará de ser uma cadeira?”. Foram necessários alguns anos para compreender que se tratava ali de um debate sobre ontologia e valor de uso que, naquele contexto, se vinculava à emergência da forma mercadoria e à expansão imperialista. E, a seu modo, que lhe era bastante peculiar e característico, Claudinei continuou provocando o debate ao manter pregada uma cadeira na parede do apartamento onde estava morando! Como ele costumava se expressar

(até para zombar de si, como será visto adiante) em mensagens eletrônicas: “hehehe”.

É comum se lembrar de circunstâncias desconcertantes como essa ao resgatar algumas memórias com Claudinei em sala de aula ou em atividades de campo. Na ocasião de seu velório, uma ex-estudante do curso de Geografia da UFMG enviou à seção local de Belo Horizonte da AGB um breve relato que nos parece sintetizar bem sua atuação como docente:

Claudinei foi aquele professor totalmente fora da ordem que uma organização didático-pedagógica impõe aos professores. Nas disciplinas que foi meu professor me fez estudar Adorno, Foucault, Debord, Freud... E, literalmente, experimentar a perversidade do capitalismo ao propor, por exemplo, um trabalho de grande impacto social... lembro de participar de um cordão humano impedindo as pessoas de andar na Av Afonso Pena, em meio a feira hippie, de fazer um piquenique na praça de alimentação do Shopping Diamond e de nos levar para almoçar no restaurante popular da PBH [Prefeitura de Belo Horizonte] próximo à rodoviária de BH. Tudo isso parecendo meio desconexo, mas na verdade, por uma ordem nada linear nos coloca no lugar do desconforto e de total questionamento da ordem imperante. Como docente de Educação Ambiental, muitas vezes me peguei refletindo sobre esses textos, que lá naquelas disciplinas não faziam muito sentido e na minha prática docente foram fundamentais.

O relato demonstra que a desobediência que era intrínseca à prática de Claudinei não estava restrita à sala de aula. Fazia-se ver por exemplo nas atividades de campo que propunha. Tais campos, inclusive, foram tema de uma entrevista concedida por Claudinei e publicada em uma edição do *Boletim Paulista de Geografia* dedicada às trajetórias de campo. No diálogo, para além dos relatos acerca da construção do campos, faz-se notar a compreensão que ele tinha do sentido e da finalidade do “ir ao Mundo” na forma do campo; que, para ele, sequer poderia ser chamado de “trabalho” de campo:

Vamos partir do princípio que é possível pensar não só em trabalho de campo, mas em atividades de campo. Um termo mais amplo que nos permite pensar diversas possibilidades de produção de conhecimento [...] Um filósofo alemão do século XIX, Karl Schelle, tem um livrinho delicioso que se chama “A arte de passear”. Lá ele comenta e descreve o que é o passeio, porque passear, como passear, que isso é um ato entre o corpo e o espírito, um momento. Então isso não é um trabalho de campo, nem deve ser enfadonho, nem cansativo. Tem toda uma postura para se passear e extrair daí algum conhecimento. Poderia lembrar também o Rousseau, “Os devaneios do caminhante solitário”, seu último escrito no qual através de caminhadas ele vai justamente mostrando como elas são importantes até para a produção de suas reflexões, que ele chama de devaneios. E poderíamos continuar dando exemplos, como os diários de viagem, que são

importantes relatos de experiências de conhecimento que passam por um momento da vida de um indivíduo. Posso citar dois antagônicos. “O diário de Moscou” do Walter Benjamin é um diário um tanto melancólico, ele está em crise com a mulher amada, Asja, lá em Moscou, e tem uma tensão, você vai lendo aquele diário e o que você vai vendo de Moscou pela lente dos olhos de Benjamin é o sentimento de uma atmosfera um tanto pesada. E o outro, o “Diário de Florença”, de Rainer Maria Rilke, no qual ele está apaixonado pela Lou Salomé, ele vai falando de Florença, perguntando, mandando para ela como se fosse uma descrição, é também muito interessante. Então, falar em trabalho de campo limitaria muito, são múltiplas as experiências de contato com o mundo, no sentido do que a gente poderia chamar de “ir ao mundo”. Por exemplo, o [Henry David] Thoreau, naquele textinho também delicioso “Andar a pé”, vai dizendo por que o homem tem que andar a pé. Não é porque que o geógrafo tem que fazer campo, andar a pé é uma atividade que deve ser estimulada no ser humano (LOURENÇO, 2011, p.63-4).

Em suma, Claudinei reivindicava que a atividade de campo era um aspecto fundamental no *fazer geográfico*, o qual não se restringia apenas às demandas imediatas da pesquisa acadêmica. Tais reflexões não se limitavam às elaborações teóricas, ganhavam concretude na própria prática docente.

Por ocasião do ENG de 2000, realizado em Florianópolis, ele organizou, junto a estudantes de graduação e aos colegas de AGB e de Departamento William Rosa e Sérgio Martins, um campo de Belo Horizonte até à cidade-sede do Encontro. Partiram dois ônibus – à época apelidados de “Sodoma e Gomorra” e o “Nova Jerusalém”. No percurso da ida foram realizadas diversas paradas, dentre elas uma no assentamento do MST no Pontal do Paranapanema. A experiência desta atividade de campo fez com que vários estudantes – muitos destes recém ingressos no curso de Geografia – se aproximassem da AGB, e construíssem eles próprios, dessa vez sem a atuação direta de nenhum professor, um campo entre Belo Horizonte e João Pessoa, na ocasião do ENG de 2002.

Ao longo do ano de 2005, quando Claudinei mobilizou novamente seus estudantes para participarem do XIV Encontro Nacional de Geógrafos, em Rio Branco, no Acre. Inicialmente propôs ao Colegiado do curso de Geografia a construção de uma disciplina optativa, a qual se inscreveram 40 alunos de graduação. Para permitir um acúmulo teórico que contribuísse para a formação dos estudantes e, ao mesmo tempo, proporcionasse elementos para serem apresentados em forma de trabalhos no ENG, foi realizada a leitura e enveredou-

se pela discussão do livro *Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista)*, do professor Carlos Walter Porto-Gonçalves (2003). Ao mesmo tempo, dada a distância e o pouquíssimo apoio por parte da Universidade, era preciso angariar fundos para garantir o deslocamento de todos à Rio Branco. A ideia era que, ao longo do caminho, fossem realizadas atividades de campo propostas pelos próprios alunos, que foram estimulados a apresentarem questões a serem observadas no percurso em meio à travessia entre Minas Gerais e Acre.<sup>4</sup> Os estudantes também eram responsáveis, juntamente ao professor, por garantir as condições estruturais para a realização da atividade. Foram feitas rifas, festas e parcerias de todo o tipo para conseguir participar do ENG, missão realizada com êxito, sem deixar ninguém para trás. Este encontro foi um divisor de águas para muitos estudantes do curso de Geografia da UFMG, assim como a experiência de construção coletiva de uma disciplina acadêmica, incluindo a atividade de campo e a participação no evento.

Experiência similar foi desenvolvida no ano de 2010 para permitir a participação massiva de estudantes de graduação e pós-graduação em Geografia no XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre. Novamente

---

<sup>4</sup> Algo que remete à experiência de Claudinei ainda como estudante de graduação. Como contou na referida entrevista ao *Boletim Paulista de Geografia*: “A gente pode pensar isso retomando como era o campo no momento quando eu entro na graduação e porque a gente resolveu fazer um movimento forte de contestação. O que acontecia lá na década de 1980 na Unesp era que cada professor tinha seu campo, cada disciplina fazia seu próprio campo. O professor te pegava, te colocava no ônibus e te levava para algum lugar, às vezes o estudante nem sabia para onde estava indo. Lá chegava, mostrava, apresentava e você aceitava aquilo como uma aula externa. Isso nos incomodou muito no início da graduação, essa falta de nós participarmos da concepção do campo, e iniciamos um movimento de superar essa forma do campo individual de cada disciplina. Nós fizemos reuniões do Diretório Acadêmico, discussões e tiramos como proposta os grandes campos (lá as disciplinas eram anuais e não semestrais), e cada ano do curso deveria fazer uma grande excursão de campo para uma das regiões do Brasil: um grande campo para a região Sul, um grande campo para a região Norte, Centro-Oeste, um grande campo para a região Sudeste e um grande campo para a região Nordeste. E o projeto de campo seria debatido, seriam apresentadas posições, não era um professor que iria decidir. A turma daquele ano quer ir, por exemplo, para o Centro-Oeste, então ela tem que propor questões, um projeto para chegar até lá, onde quer ir, já que não dá para ir para todo o Centro-Oeste. ‘Ah, eu quero ir para o Pantanal.’ ‘Mas por que para o Pantanal?’ ‘Ah não, nós queremos ir para a Chapada dos Guimarães.’ ‘Mas por quê? Por que é bonito? Por que quer ver o Vêu da Noiva [cachoeira]?’ Obviamente não, tinham questões e isso levaria, então, a uma construção. O campo como uma construção. E nós conseguimos (LOURENÇO, 2011, p.67-8).



no semestre que antecedeu a realização do ENG, Claudinei propôs uma disciplina optativa denominada *Ambulo Ergo Sum: trabalho e mobilidade na produção do espaço brasileiro*. Em relação ao apoio institucional por parte da UFMG, foi outra vez muito aquém do desejado, fazendo com que todos os custos logísticos da realização da(s) atividade(s) tivessem que ser arcados pelo próprio coletivo de participantes da disciplina. Desta vez, o aporte teórico veio pela leitura coletiva da obra *Mobilidade do Trabalho e acumulação do capital*, de Jean Paul de Gaudemar (1977). Com a participação de vários estudantes que construíram a experiência na disciplina para o ENG de Rio Branco, houve grandes avanços na estruturação do campo. A partir da discussão teórica inicial, os vários grupos deveriam propor atividades ao longo do caminho entre Belo Horizonte e Porto Alegre com vistas à reflexão sobre migrações e trabalho. Foram elaborados cadernos de campo e outros materiais didáticos que visavam uma melhor participação e compreensão de todos os envolvidos nas atividades. Com isto, houve a oportunidade de dialogar com trabalhadores migrantes em diferentes espaços como, por exemplo, na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) em São Paulo, no Sindicato dos trabalhadores do corte de cana na região de Ribeirão Preto, nos faxinais na região metropolitana de Curitiba e nas vinícolas da Serra Gaúcha. Este movimento teórico, acrescido da experiência adquirida em campo, culminou na proposição de um Espaço de Socialização de Coletivos (ESC) com o mesmo nome da disciplina e que gerou grande interesse durante o Encontro.<sup>5</sup> Mais do que isso, estas experiências permitiram que se pusesse em prática o movimento teórico e empírico da construção coletiva de atividades de campo. Assim como ocorrera uma década antes, a experiência do campo para Porto Alegre mobilizou os estudantes a organizarem autonomamente um novo campo, desta vez para São Luís, por ocasião do ENG de 2016. Tal como pode ser observado no relato de uma ex-aluna que participou deste e de muitos outros campos propostos por Claudinei:

---

<sup>5</sup> Um ano mais tarde, por ocasião do XVII SIMPURB, realizado em Belo Horizonte, Claudinei ofertou uma disciplina intitulada O Empírico na Construção do Pensamento Geográfico – apelidada de *Ambulo II*. Disciplina na qual a reflexão sobre o *olhar* passava por autores como Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire.

Essas viagens de campo me proporcionaram a abertura dos olhos e da mente, a descoberta da existência de outros Brasis, outros mundos, outras formas de se viver no mundo e de uma "geografia nova" que não tinha ainda delimitações claras para mim, mas que foram se consolidando com o tempo e o amadurecimento teórico. Foi a primeira vez que eu ouvi falar do ENG e da AGB. Depois me tornei sócia e ativa, participando da organização do XVII ENG em Belo Horizonte dois anos depois. Este só foi possível acontecer graças à dedicação do Claudinei e de sua capacidade de mobilizar e engajar os alunos e agendamos da seção local. A AGB BH está significativamente conectada ao Claudinei, que conseguiu unir diferentes gerações ao longo de sua prática docente. Os amigos da geografia mais próximos que tenho hoje tem como principal elo a AGB e o Claudinei.

Claudinei insistia que o campo não começava no desembarque no local de interesse, tampouco no embarque para viagem. Começava na formulação da questão capaz de mobilizar o deslocamento. Questão que apenas pode ser formulada pela condição de existir no mundo e nele se movimentar. Viver de algum modo já é campo, caso se saiba *olhar*. Também por isso, Claudinei se recusava a orientar em seu gabinete. Preferia o bar. Esse mesmo princípio norteava sua concepção acerca da AGB e dos encontros de Geografia. O encontro não começa na mesa de abertura, tampouco na construção coletiva do encontro propriamente dito. Começa no conjunto concepções que viria a tornar possível e preenche de sentidos essa construção. Nesses termos, os famosos campos por ele provocados até a sede dos ENG's já eram parte do ENG. Em um encontro de geógrafos, embora geógrafos se encontrem, o que eles encontram antes de tudo é o Mundo; e este não está restrito a nenhum tempo-espaço pré-estabelecido institucionalmente. Daí sua defesa insistente de que os ENG's não tivessem um tema/título pré-estabelecido, mas se organizasse – tal qual encontros sindicais – por meio de teses. Certamente os agebeanos de mais longa data recordarão que em várias RGCs a Seção Local Belo Horizonte apresentou como proposta a ausência de um título prévio para o Encontro. Nessa visão, desobediente a qualquer *a priori*, torna-se impossível dizer o que será um encontro, ou sobre o que ele efetivamente irá se debruçar, antes de que ele termine de ser. O ideal seria que o tema dos Encontros fosse definido em sua plenária final.

Essa mesma dimensão de processo o fazia primar diligentemente pela horizontalidade – não apenas enquanto princípio – mas enquanto prática. Certamente por isso, aquele convite à festa feito por Claudinei aos estudantes de

*Introdução à Geografia* tenha sido aceito por tantos de nós. A partir de sua própria experiência, Claudinei pudera perceber em que medida “o sonho chamado AGB” é capaz de transformar o *fazer geográfico* daqueles que recém ingressaram no curso de Geografia. Não ocasionalmente, foi a partir do ENG de 2012, realizado em Belo Horizonte, que se instaurou a prática de os Encontros da AGB terem bolsistas de graduação para contribuírem na e experienciarem a construção coletiva do encontro.

Se quisermos, a algum custo, sintetizar, o esforço teórico e prático de Claudinei ele estaria na *mediação*. Na mediação do sujeito com o mundo, na forma da paisagem; na mediação entre trabalho e tempo livre como contradição necessária à história da modernização; na mediação entre o deslocamento lúdico da “arte de passear” e a mobilização forçada pelo e para o trabalho; na mediação entre o estudo e a festa, possibilitada pela AGB. A mediação, o terceiro termo, a travessia, a terceira margem do rio... Para Claudinei não havia ontologia senão o movimento, é nele que se produz o real, que se constrói coletivamente e se transforma esse mesmo real. Nada é *a priori*. Segundo os termos que abrem sua tese: “no princípio era o liso!” (LOURENÇO, 2002, p.1). Certamente por isso a AGB lhe era tão importante. A AGB não é um trabalho, é atividade marcada menos pela concorrência que pela solidariedade, menos pela rigidez normativa que pela construção coletiva. É uma atividade que não produz mercadorias, produz Mundos. Nas palavras do provocador<sup>6</sup>:

Participar da AGB é exatamente você ter a Geografia não como profissão, superar a ideia de que a Geografia é um trabalho [...]. A AGB é obviamente um trabalho absolutamente voluntário, não remunerado, que envolve uma dedicação do seu tempo de vida, e isso nos dá então uma dimensão do que é fazer Geografia. Pensando assim, isso nos permite praticar uma Geografia muito mais livre, do ponto de vista que você tenha condições de pensar e agir coletivamente em certas direções (LOURENÇO, 2011, p.72).

Curiosamente, Claudinei gostava bastante de xadrez, um jogo individual. No entanto, desobediente como ele só, por ocasião da posse da Diretoria

---

<sup>6</sup> Chamá-lo “provocador” é mera provocação (..ehehe), na medida em que se preocupava em “questionar o papel das formas teóricas na constituição das nossas formas práticas” (LOURENÇO, 2002, p. 3), bem como entendia que “a proposição inicial de qualquer percurso acadêmico” é permitir que “ao pensar, confrontar-se consigo mesmo” (ibid., p. 11).

Executiva Local da SLBH, gestão 2012-2014, fez circular a seguinte mensagem no grupo de e-mails da Local:



**Claudinei Lourenço** <claulouren@yahoo.com.br>  
para agb\_bh@yahoogrupos.com.br

qua., 26 de set. de 2012, 21:03 ☆ ↶ ⋮

---

**De:** Claudinei Lourenço <claulouren@yahoo.com.br>  
**Para:** "agb\_bh@yahoogrupos.com.br" <agb\_bh@yahoogrupos.com.br>  
**Enviadas:** Quarta-feira, 26 de Setembro de 2012 20:48  
**Assunto:** Re: [agb\_bh] Apresentação no interseções

Segue a foto "ofical" da posse da nova diretoria. Pode mandar junto para o Interseções

Em pé da esquerda para a direita..heheh - William, Derly, Abjaudi, Alan, Conde Naiemer, Claudinei. Agachados - Laís, Paulo, Pedro, Clara, Bruno, Fernando.

Quase montamos um time de xadrez..ehehe

Claudinei

Entusiasta do jogo, do qual era estudante amador, sua participação na Seção Local (quicá na AGB como um todo) era como a de um enxadrista, que, para apresentar ou defender uma proposta nas assembleias ou reuniões da entidade, nunca lançava mão de um argumento completo e definitivo de uma só vez logo em sua primeira fala. Diferentemente, de lance em lance, às vezes provocando a movimentação de todas as peças ao mesmo tempo, ia movimentando seus argumentos no tabuleiro.

Se existem pessoas que passam por esse mundo sem deixar marcas, certamente não é o caso do professor Claudinei Lourenço, que tantas contribuições e histórias nos deixou ao longo de sua travessia pela vida. Claudinei foi figura marcante nos caminhos que trilhou. Seus métodos de trabalho e suas propostas diferenciadas para articulação entre teoria e prática no campo da Geografia foram fundamentais para a formação de gerações de estudantes na UFMG, na AGB e nos espaços que frequentava. O que a vida quer da gente é coragem, dizia Riobaldo e isso não faltava a ele, ao construir com os estudantes suas propostas de ensino e aprendizagem, nos colocando sempre a missão de “pensar longe”, de ir além, “por fundo de todos os matos” do conhecimento.

Por fim, gostaríamos de encerrar com outro fato de lembrança: possivelmente uma das atividades mais marcantes para qualquer estudante de Geografia da UFMG nos últimos quase vinte anos era o chamado “trabalho dos geógrafos”. A partir de uma lista de geógrafos(as) – que variavam de Estrabão a Milton Santos, de Jean Tricard a Doreen Massey – alterada a cada semestre, cada estudante, por sorteio, ficaria incumbido de um pensador e deveria elaborar um pequeno memorial sobre ele. Claudinei insistia, contudo, que a Geografia não era construída apenas por aqueles geógrafos(as) “famosos(as)”, com vasta bibliografia a seu respeito. A Geografia é construída cotidianamente por geógrafos(as) (profissionais ou não, anônimos ou não). Por isso, não raro algum(a) professor(a) “não-canônico(a)” era surpreendido com o contato de algum estudante de *Introdução à Geografia* que o(a) procurava porque precisava fazer um memorial a seu respeito. Se, por um lado, o “trabalho dos geógrafos” provavelmente não continuará a existir no curso de Geografia da UFMG, por outro, Claudinei, por toda a sua trajetória, está definitivamente na lista de “geógrafos não-canônicos” digno de (muito mais que) nota. De algum modo, esse texto inclui Claudinei na lista de geógrafos de seu 77º período.<sup>7</sup> Claudinei concluiu sua tese formulando: “propõe-se, assim, não parar para pensar, mas pensar enquanto anda” (2002, p.133). Sigamos, pois, conforme o legado deixado, caminhando ao encontro do mundo e da necessária crítica (teórica e prática desse mundo). *Ambulo ergo sum!*

Claudinei Lourenço, presente!

---

<sup>7</sup> Claudinei costumava contar seus períodos como geógrafo desde a entrada na graduação. Dizia que ainda não havia se formado e que provavelmente não se formaria antes de ser jubilado do mundo. E, realmente, não se formou... mas continua formando e deformando.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.

ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: Unesp, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica*. V. 1. Arte e Política. Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v.2).

GAUDEMAR, Jean-Paul de. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.

KURZ, Robert. A terceira força: fim e início da neutralidade. *Caderno Prudentino De Geografia*, 1(18), 1996.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LOURENÇO, Claudinei. O topônimo, o toponímico e a topofobia no ensino de Geografia. *Caderno Prudentino De Geografia*, (1)17,1996a.

LOURENÇO, Claudinei. *A natureza no ensino de Geografia de 1º e 2º graus: perguntas ao passado*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 1996b.

LOURENÇO, Claudinei. *Paisagem no Kosmos de Humboldt: um diálogo entre a abstração e a sensibilidade*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LOURENÇO, Claudinei. Entrevista Claudinei Lourenço. *Boletim Paulista De Geografia*, (91), 63–74, 2011.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista)*. Brasília: Edições Ibama, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

SANTOS, Douglas. Geografia e a AGB. *Terra Livre, [S. l.]*, v. 1, n. 38, p. 179–193, 2015.